

**Rosangela de Jesus
Fernandes**

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

E-mail:

rofernandes@criarbrasil.org.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7669-1539>



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Discurso e poder: Entrevista com o linguista Teun A. van Dijk

*Discourse and power: Interview with linguist Teun
A. van Dijk*

*Discurso y Poder: Entrevista con el lingüista Teun
A. van Dijk*

Fernandes, R. J. Discurso e poder: Entrevista com o linguista
Teun A. van Dijk. Revista Eco-Pós, 27(2), 312–326.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i2.28216>

RESUMO

Teun A. van Dijk é considerado um dos pioneiros nos Estudos Críticos do Discurso (ECD), que analisa a relação entre cognição, discurso e sociedade, tendo como foco principal o abuso de poder e a desigualdade social. Com mais de 30 livros publicados, é fundador do Centre of Discourse Studies, em Barcelona. Nesta entrevista, o linguista aborda, entre outros aspectos, o avanço da extrema direita e as adaptações discursivas realizadas em diferentes países. E aponta também para a esperança através da educação e da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: *Análise de discurso; Discurso de ódio; Extrema direita; Justiça social; Ideologia.*

ABSTRACT

Teun A. van Dijk is one of the pioneers of Critical Discourse Studies (CDS), which analyzes the relationship between cognition, discourse, and society, with a primary focus on power abuse and social inequality. With over 30 published books, he is the founder of the Centre of Discourse Studies, in Barcelona. In this interview, among other topics, the linguist discusses the rise of the far right and its discursive adaptations occurring in different countries. He also points to education and research as the path to hope.

KEYWORDS: *Discourse analysis; Hate speech; Far right; Social justice; Ideology.*

RESUMEN

Teun A. van Dijk es uno de los pioneros de los Estudios Críticos del Discurso (ECD), que analiza la relación entre cognición, discurso y sociedad, con el foco principal en el abuso de poder y la desigualdad social. Con más de 30 libros publicados, es fundador del Centre of Discourse Studies de Barcelona. En esta entrevista, el lingüista aborda, entre otros aspectos, el avance de la extrema derecha y las adaptaciones discursivas realizadas en diferentes países. También apunta a la esperanza a través de la educación y la investigación.

PALABRAS CLAVE: *Análisis del discurso; Discurso de ódio; Extrema derecha; Justicia social; Ideologia.*

Submetido em 2 de abril de 2024.

Aceito em 20 de julho de 2024.

Teun A. van Dijk observa o mundo através de lentes que buscam desvendar e revelar as relações entre discurso e injustiça social. A longa trajetória acadêmica do linguista holandês, iniciada em 1962, inclui mais de 30 livros publicados, doutorado em Linguística pela Universidade de Amsterdam (1972), pós-doutorado na universidade de Berkeley (Estados Unidos, 1973) e Doutor Honoris Causa das Universidades de Buenos Aires, Tucumán e Mendoza. Após se aposentar pela Universidade de Amsterdam (2004) e da Universidade Pompeu Fabra (2014), em Barcelona, fundou e atualmente dirige o Centre of Discourse Studies¹. É também um dos fundadores dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), que ele define não como uma metodologia, mas como um *pluralismo metodológico* que leva em conta a relação entre cognição, discurso e sociedade, tendo como foco principal os aspectos de abuso de poder e desigualdade social. Racismo, movimentos sociais, ideologias são alguns dos temas abordados em suas pesquisas.

O professor Teun A. van Dijk realizou a conferência *Discurso e ideologia de extrema direita*², em novembro de 2023, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a convite do Grupo de Pesquisa em Políticas e Economia Política da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ) e da Organização Não Governamental (ONG) CRIAR Brasil. Na ocasião, concedeu esta entrevista em que discute conceitos como populismo e discurso de ódio, ressaltando que, como analista de discurso, deve questionar também o discurso científico. O linguista aborda ainda o avanço da extrema direita, as adaptações discursivas realizadas por grupos radicalizados em diferentes países, os modelos mentais intolerantes criados com auxílio dos meios de comunicação tradicionais e as mídias sociais. Mas, para além da complexidade dos problemas a serem enfrentados, aponta também para a esperança, que considera residir na resistência possível através da educação e da pesquisa.

¹ Mais informações acesse: <https://www.discoursestudies.org/>.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PcSnMLj2c5Q>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Revista Eco-Pós: Os Estudos Críticos do Discurso, a partir de seu posicionamento analítico, têm preocupação especial com a injustiça social. Como se dá essa investigação das estratégias discursivas?

Teun A. van Dijk – Para analisar contextos que têm relação com a justiça, a injustiça, pressão ou manipulação, é necessário fazer um tipo de análise mais ideológica. E a análise ideológica, muitas vezes, tem a ver com uma polarização entre *nós e eles*. Essa polarização pode ser aplicada a todos os níveis do texto: pode ser na seleção das palavras, no tipo de sentido das palavras, dos temas que estão sendo analisados, que tipo de orações e argumentação, etc. Por exemplo, na maneira de representar negativamente, através do discurso, grupos que não querem deixar entrar no país: as minorias étnicas, raciais etc. A partir dessa polarização, busca-se enfatizar coisas ruins desse outro grupo em comparação a aspectos positivos do nosso grupo. Essa polarização é destacada nos textos da extrema direita, por exemplo: é muito típico no que se refere à imigração ou ao discurso de homens que falam sobre mulheres.

Revista Eco-Pós: Na sua percepção, a radicalização pautada do *nós contra eles* é acionada mais frequentemente pela extrema direita ou por todas as forças políticas na contemporaneidade?

Teun A. van Dijk – Em princípio, essa polarização ideológica está dos dois lados. Portanto, da mesma maneira que há pessoas de esquerda que criticam pessoas ou políticos de extrema direita, o inverso também é realidade. No entanto, a questão principal é: com quem você faz isso? Quando se faz isso contra grupos que não têm poder - minorias, imigrantes, pessoas negras, mulheres - os representando de uma maneira negativa, está se usando um método, uma estratégia discursiva para enfatizar e/ou não evidenciar aspectos agindo contra pessoas que não têm poder. Essa é a questão.

Revista Eco-Pós: Nós assistimos no Brasil grupos afetados pelo discurso intolerante apoiarem políticos que faziam desta retórica uma prática. Como entender essa adesão?

Teun A. van Dijk – Não é só aqui no Brasil, mas ocorre também na Holanda, na Espanha, onde eu moro, etc. Esse é um dilema fundamental. Eles têm tendência em buscar forma de valorização do seu próprio grupo, acham que grupos de extrema direita podem dar esse tipo de poder que eles não têm. É quase uma contradição, pessoas que deveriam lutar contra esse tipo de discurso estão aceitando e apoiando. É necessário fazer uma análise psicológica e de psicologia social, tem a ver com uma forma de compensação de sua própria falta de poder, buscar admirar pessoas que têm o poder, que tem muita autoridade, como a gente já sabia desde [Theodor] Adorno sobre a personalidade de autoritária.

Revista Eco-Pós: Qual a relação que o senhor aponta entre o crescimento dessa estratégia da extrema direita com aspectos socioeconômicos, com o neoliberalismo e com o iliberalismo?

Teun A. van Dijk – Fazendo esta análise dos discursos de extrema direita, estou descobrindo que os temas são sempre *contra* algo, em geral se referem as coisas que estão mudando nos últimos 40, 50 anos, em vários países, não só aqui no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos. Cada vez mais, esses discursos são contra o liberalismo das ideias, das normas e de valores, progressivamente mais um discurso iliberal. O iliberalismo é, basicamente, um discurso reacionário contra formas mais tolerantes, mais progressistas em todas as áreas: sobre a nação, sobre a relação homens e mulheres, sobre gêneros, sobre sexualidade. Mudanças que muitos grupos mais conservadores de muitos países acham que estão ocorrendo rápido demais, por exemplo, matrimônio gay e diversos costumes que agora são quase normais em muitos países. Os grupos conservadores têm reação radical contra isso, por isso também esses grupos são vistos, muitas vezes, como *direita radical*, isso para distinguir também dos extremistas que não seguem as regras da democracia, com eleições, etc. Aqui no Brasil, e em outros países, paulatinamente existe uma reação iliberal contra todas essas formas de esquerdas progressistas. Outra condição fundamental do crescimento de extrema direita é a situação socioeconômica. Inclusive em países ricos como Holanda, meu próprio país, não é todo mundo que está aproveitando dessas mudanças sociais e os partidos tradicionais, inclusive partidos de esquerda,

socialistas, não estão resolvendo os problemas dessas pessoas. Assim, elas vão achar que talvez esse partido radical que é contra todos os partidos tradicionais possa apresentar uma solução.

Revista Eco-Pós: A sua pesquisa analisa o discurso em diferentes países. O que se observa sobre as temáticas exploradas por esses grupos radicalizados?

Teun A. van Dijk – A temática depende do país, em um país muito católico como o Chile, a temática de aborto é fundamental. Aqui no Brasil também, mas na Espanha, onde a maioria das pessoas não tem problema com a questão do aborto, essa temática já não é tão relevante. Em países como a Holanda ou a Suécia, claro que esse já não é um tema relevante. Nos debates parlamentares e nos textos eleitorais esse tema não se apresenta. No entanto, na Holanda e na Suécia outras pautas, como imigração, sim. Isso é interessante: a temática e as atitudes das pessoas em todos os temas ideológicos se adaptam à situação socioeconômica e sociocultural de cada país.

Revista Eco-Pós: Para além das temáticas, a extrema direita destaca em seus discursos alguns conceitos que, ao longo do tempo, se consolidaram como sendo bandeiras da esquerda. Houve uma espécie de captura de expressões como liberdade de expressão e defesa da democracia?

Teun A. van Dijk – Minha explicação é a seguinte: que essas normas e valores não são de esquerda ou de direita. Liberdade, por exemplo, é uma noção que qualquer pessoa de esquerda ou direita pode ter, são normas e valores da cultura geral. A extrema direita percebeu que esse tipo de valor tem importância significativa no liberalismo, que vem alterando a sociedade desde os anos 1960. Assim, eles passam a buscar participar de algo que é tido como consenso. A liberdade de expressão, por exemplo, é fundamental. Então, o que eles fazem? Utilizam-se desse tipo de valor, que é geral, de dentro da cultura. Avaliam que não vale a pena ser contra esses consensos. Analisam esses valores e aplicam na sua maneira de fazer política. Quando fazem discursos agressivos, dizem palavrões ou falas que são horríveis, chocantes, alegam que isso é a liberdade de expressão. Afirmam que podem expressar qualquer pensamento, inclusive falas

racistas e sexistas, e que ninguém deve limitá-los, porque isso é uma forma de exercer a liberdade. Quando as pessoas de esquerda reagem, tentam limitar o discurso, alegam que isso é um erro fundamental contra a nossa cultura. Dizem: “eu deveria poder falar o que eu quiser”. Esse é um exemplo de como aplicam normas e valores gerais à estratégia discursiva.

Revista Eco-Pós: Essa estratégia discursiva é muito fortemente marcada pelas falas intolerantes, pelo discurso de ódio. Na sua percepção, o ódio é realmente mobilizador?

Teun A. van Dijk – Com certeza! Porque o ódio é uma das emoções mais fortes que existe, então claro que mobiliza, todavia eu tenho um comentário a fazer sobre o assunto, porque agora todo mundo fala a respeito do discurso de ódio. Na Espanha se usa essa expressão, também inglês, *hate speech* é de uso muito comum, entretanto tenho problema com essa questão. Penso que emoções estão relacionadas com pessoas, com o indivíduo. É algo *embodied* (corporificada), então, deve ser alguma coisa no corpo que o indivíduo pode medir. O que eu digo, é que, em geral, uma emoção é algo passageiro. Você pode sentir raiva em um dado momento, talvez uma hora, um dia, porém você não poderá estar com e/ou sentir raiva o tempo todo. Então, eu acho que, teoricamente, utilizar a expressão *discurso de ódio* é uma maneira equivocada de abordar o tema. Nós não deveríamos falar sobre *discurso de ódio*, mas sim de *crenças*. Não são emoções, contudo são crenças negativas, crenças que você pode ter por muito tempo. O indivíduo tem, por exemplo, preconceito contra pessoas gays. É uma coisa que não é só do momento, pode ser por muito tempo. Muito mais importante, não são as emoções como ódio, por exemplo, são as crenças como preconceitos, ideologias. Isso é mais uma questão de cognição, do que de emoção. Contudo, como as pessoas falam quanto a *hate speech* e *discurso de ódio*, é muito difícil mudar. Eu tenho todo um debate com pessoas que falam sobre a extrema direita em termos só ou sobretudo de emoções, quando são muito mais importantes as ideologias negativas sobre imigrantes, sobre minoria, sobre pessoas gays, sobre pessoas negras, etc. Isso é uma coisa mais permanente, crenças ficam; enquanto emoções, não.

Revista Eco-Pós: Mas o discurso de ódio de alguma forma não atuaria como um gatilho ou um estímulo para consolidar esses sentimentos mais perenes, construir crenças?

Teun A. van Dijk – Sim, mas isso é só o momento. Eu acho que pessoas que produzem esse tipo de discurso não são pessoas com raiva, são pessoas dotadas de preconceitos e de ideologia. Assim, o discurso parece um discurso de ódio, mas não é necessariamente ódio. É uma forma de externar crenças muito negativas: com muita ênfase, retórica, além de muito exagero. O discurso, a maneira de apresentar, de se expressar, parece ser de um discurso de ódio, todavia não é ódio. Esse debate é que eu tenho tido com muitos colegas. Um ponto importante, que eu acho é que não há emoções coletivas, porque se uma emoção está relacionada com o corpo, eu digo: um coletivo e/ou um grupo não tem corpo. Contudo, o que um coletivo pode compartilhar são crenças, crenças negativas, ideologias negativas. São opiniões e não emoções, porém nem todas as pessoas estão de acordo com essa visão. E é verdade, quase todos os trabalhos sobre extrema direita e seus discursos abordam o tema em termos de emoções. Eu acho que, teoricamente, está errado.

Revista Eco-Pós: Mas as emoções, em alguma medida, atravessam esse contexto e tem papel nesse processo?

Teun A. van Dijk – Sim, tem uma série de coisas que aparecem: sentimento, emoções, sensações, etc. A teoria das emoções, por exemplo, é muito popular e abordada em disciplinas, tais como: psicologia, psicologia cognitiva, social, sociologia, antropologia. Isso é muito importante, eu não penso que os sentimentos e as emoções não existem nesse contexto, só ressalto que é necessário distinguir bem, entre essas formas que parecem de ódio, mas são de opiniões, de atitudes negativas que perduram muito tempo e que o indivíduo pode compartilhar em grupo. Claro que você pode ter, em um dado momento, raiva de determinada(s) pessoa(s). Situação essa, concreta. Contextualmente, você pode sentir raiva, entretanto a raiva passa, ou ainda essa raiva pode motivar também a agressão, claro! Mas o que fica? São crenças, opiniões, atitudes, ideologias que são mais contínuas e que podem definir também um grupo. Então, não podemos identificar a extrema direita por suas emoções, mas por suas ideologias, que tratam de compartilhar na sociedade. Isso, sim é problema de fato.

Revista Eco-Pós: Na conceituação do discurso de ódio, diversos autores ressaltam que eles não se dirigem ao indivíduo, mas ao grupo ao qual eles pertencem, baseado na identidade. Qual a sua percepção sobre isso?

Teun A. van Dijk – Sim, isso reforça que não é um discurso de ódio puro. Ódio não causa todo esse dissenso, entretanto é uma análise mais das opiniões e atitudes que dizem respeito ao nosso grupo e seus objetivos, valores, etc. em contraponto a outro grupo que não tem esses mesmos valores. A análise que se desenvolve na cabeça das pessoas que se utilizam desse tipo de fala é mais em relação a pensar do que de sentir. Bom, essa é uma questão de teoria. Existem pessoas que não pensam dessa forma, no entanto eu tenho muito claro que se o indivíduo vai definir uma emoção como raiva, como sendo uma coisa que é *embodied*, e se pode medir, como por exemplo, ritmo cardíaco, se é de corpo, um coletivo não tem corpo, não pode ter emoções como um grupo. Momentaneamente sim, é possível, exemplificando, em manifestações públicas. Agora, no meu último livro intitulado *Social Movement Discourse: An Introduction, 2023*, estou analisando os movimentos sociais. Durante as manifestações, as pessoas estão juntas e gritando, observa-se a existência de slogans. Nesse momento, pode aparentar que as pessoas têm emoções, por exemplo raiva, coletivamente. Ilustrando: na manifestação de 8 de março em Barcelona, Espanha, temos movimentos feministas reunidos nas ruas. Certamente que nesse momento pode ser uma emoção compartilhada, mas entendo que, mesmo nesse momento, cada pessoa tem essa raiva de uma maneira um pouco diferente da outra pessoa. O que eles têm em comum é a opinião e a atitude. O que eles não têm em comum? No momento é a raiva ou não sentir raiva, cada pessoa é diferente. Eu faço a comparação com um vírus, por exemplo, da Covid-19. As pessoas têm Covid a sua própria maneira, sendo em uma determinada pessoa mais intensamente; em outra menos. Não podemos dizer que *a população* tem Covid, na minha concepção, é muito estranho esse tipo de afirmação, ou seja, cada pessoa está doente ao seu modo. Nesse sentido, acontece algo semelhante em relação à emoção, é algo contextual de uma pessoa, de uma situação. E fora dessa situação, não tem a mesma emoção. Sendo assim, o indivíduo pode estar com raiva agora, neste momento, porém o que ele tem continuamente e compartilhado com outras pessoas, são outros sentimentos que não emoções. Por isso não utilizo essa expressão *hate speech*. Teoricamente, não dá.

Revista Eco-Pós: O outro conceito que o senhor coloca em discussão de forma crítica é o populismo. E esse é um conceito frequentemente aplicado para análise das forças políticas de direita e de esquerda. Qual o seu questionamento sobre esse tema?

Teun A. van Dijk – Esse é um tema que requer muita análise. Visto que muitas pessoas que se dedicam a estudar a extrema direita, utilizam-se do conceito de populismo, observa-se que os jornalistas também falam a respeito do populismo. Em geral, se referem ao populismo de extrema direita. Na América Latina se aborda mais o populismo de esquerda, enquanto isso na Europa, na Espanha por exemplo, quase não se fala. Agora, com o Podemos e alguns outros grupos, até há referências, mas, em geral, a maioria das pessoas que usam a noção do populismo sem muita reflexão, se referem à extrema direita. Tenho me dedicado à escrita de um artigo, além de abordar em algumas palestras a ideia de que, precisamente, o populismo não é uma ideologia. Tenho um colega holandês, muito famoso nos Estados Unidos, o Cas Mudde³, que define, por exemplo, o populismo como ideologia, como sendo algo pequeno. Então, hoje tem-se o socialismo, o liberalismo, o antiliberalismo, o feminismo, etc., que são ideologias compreendidas como grandes. Na compreensão de Mudde, o populismo seria uma pequena ideologia, a definição é essa oposição entre o povo, como muito positivo, e as elites, uma casta, vista como muito negativa. Eu argumento que não se trata de uma ideologia, porque não temos um grupo que se autodenomina populista, diferente dos demais: feministas, socialistas, liberais. Identifica-se o populismo portanto, como sendo a estrutura da estratégia discursiva, a maneira de se pensar. Não é uma ideologia, como por exemplo, socialismo, feminismo, antifeminismo, etc. Posto isso, não tem uma base social como ideologia, é uma maneira de conseguir mobilizar pessoas e angariar votos. Claro, o indivíduo quer também o apoio do povo, então fala bem do povo, normal. Isso não só agora, mas desde muito tempo, antes também era assim com o socialismo. Agora, para mim, o populismo clássico de esquerda tem uma base ideológica em termos de verdade. A teoria seria de que de um lado está o povo que não tem poder; do outro pessoas que sim, têm poder. Isso é uma base ideológica, por isso o populismo de esquerda na minha concepção, eu denominaria como sendo simplesmente socialismo ou algo parecido. A extrema direita está se

3 Cas Mudde, cientista político holandês, estuda o extremismo político e o populismo na Europa e nos Estados Unidos.

colocando como se estivesse defendendo o povo, mas nas políticas concretas, claro que não estão lutando pelo povo, porque são neoliberais que estão, por exemplo, protegendo as grandes companhias, etc. O populismo de direita é mais um *pseudo-socialismo*, é como se estivessem trabalhando em favor do povo, o que não é verdade, porque quando estão no poder, não fazem políticas em favor do povo. Nesse sentido, em geral, sou muito crítico em relação às noções que estão sendo usadas. Me posiciono como sendo analista e crítico de discurso e, inclusive do discurso científico, posto isso, não me agrada a noção do discurso do ódio, bem como não sou afeito ao fato que muitas pessoas falem sobre o populismo como se fosse algo que se aplique à direita e à esquerda. É necessário realizar uma análise muito precisa de discurso, e usar o povo contra pessoas e elites é um discurso político muito velho, que não é só de agora. Para mim, populismo de esquerda é socialismo. E populismo de direita é um *pseudo-socialismo* como se fosse em favor do povo, e que, na realidade, não é. É apenas uma estratégia discursiva para persuadir as pessoas a votarem nesse grupo que ainda não tem poder. A partir do momento em que tiverem poder, mudam de posicionamento.

Revista Eco-Pós: A sua pesquisa se dedica também a refletir sobre a cognição, o controle da mente através dos discursos. Como se dá a construção do que o senhor classifica como *modelos mentais* e suas consequências sobre a parcela da sociedade que não tem poder?

Teun A. van Dijk – Quero relacionar três dimensões fundamentais, sendo a primeira: sou analista de discurso, e algo que analiso há muito tempo são as estruturas complexas de discurso. A segunda, também como analista crítico do discurso e abordando assuntos relacionados ao racismo e antirracismo, trata-se de observar as estruturas da sociedade, bem como o que é relacionado a esses temas. Mas, diferente do que pensam as minhas colegas e meus colegas, na análise de discurso, na minha perspectiva, é muito importante tudo o que está relacionado com a cognição. No meu entendimento, cognição é como uma interface entre o discurso e a sociedade. Então, acredito que é fundamental compreender como o discurso tem uma influência sobre o que acontece na cabeça. Se um discurso já tem uma polarização ideológica na seleção das palavras, dos temas, da argumentação e muitos outros aspectos do discurso, isso pode também impactar e influenciar a maneira de se pensar sobre as coisas. E ter influência em como construir

uma realidade. Por exemplo, uma representação negativa dos imigrantes constrói na cabeça de pessoas o que eu chamo de *modelos mentais* sobre uma situação negativa. Tal como: *esses imigrantes estão atacando o nosso país*, isso é como um tsunami. É uma agressão a outras pessoas, uma maneira de construir essa imigração em termos de modelos mentais agressivos. Esse modelo mental está baseado nas ideologias, por exemplo, racistas. A interpretação do discurso se dá na cabeça como interpretação de uma situação, sendo um modelo mental que articula tempo, lugar, e a visão sobre os papéis das pessoas. E uma vez que as pessoas, a cada dia, veem esses eventos nos jornais, na televisão ou nas redes sociais, constroem outra vez e outra vez, um modelo mental dessa mesma estrutura. Depois de um tempo, tendem a generalizar esse modelo mental. O que resulta como uma atitude negativa sobre a imigração, e isso pode gerar ideologias racistas. Assim, cada vez que as pessoas observam ou leem sobre uma situação de imigração, automaticamente vão fazer interpretação de maneira negativa. Então, existe uma relação entre estruturas de discurso, estruturas que levam a compreender situações na sociedade e se relacionam cada vez mais, como mencionei antes, com crenças mais gerais, opiniões mais gerais, que nós chamamos de atitudes ou ideologias. E uma vez que se estrutura a ideologia, já não é mais preciso que a situação seja negativa, as pessoas vão interpretar a situação de maneira negativa. Nesse sentido, o objetivo, nem sempre consciente, de todos esses discursos negativos, é precisamente construir ideologias negativas contra pessoas que não têm poder.

Revista Eco-Pós: A sua análise reforça a percepção de que a mídia tradicional atua em complementariedade com as redes sociais nessa construção social marcada pelo preconceito e pela intolerância.

Teun A. van Dijk – Claro, sempre! É por isso que as pessoas relacionam esse discurso com a emoção e estou dizendo: não é só emoção, porque é muito mais fundamental que a emoção, porque emoção passa. O que os meios de comunicação estão construindo são ideologias racistas, ideologias antifeministas, ideologias anti-gay, ideologias nacionalistas, ideologias militaristas, etc. O que é fundamental quanto à influência dos discursos sobre o que acontece na cabeça das pessoas são as ideologias porque uma vez que as pessoas têm ideologia na cabeça, qualquer ação, qualquer maneira de falar, de compreender tem essa base ideológica. Então as pessoas vão

aplicar, em cada situação, essa visão. Assim, vão maltratar uma mulher, ou maltratar uma pessoa negra, ou maltratar uma pessoa gay. Você tem o discurso como um círculo em geração de ideologias. Estas influenciam outra vez na produção de outros discursos. E o pior: não só discurso, mas também formas de maltrato. Por isso, na minha concepção, é preciso sempre não só analisar o discurso, a sociedade e suas estruturas. Fundamental é relacionar ao que acontece na cabeça: ideologias, atitudes, modelos mentais, porque uma vez que incorporado na forma de pensar, já não é possível controlar as atitudes.

Revista Eco-Pós: A Economia Política da Comunicação (EPC) tem preocupação especial com as conexões econômicas que atravessam esse tema. O senhor identifica a conexão dos interesses do capital com esses grupos conservadores radicalizados?

Teun A. van Dijk – Com certeza! Não sou economista, porém considero muito interessante que grupos de direita disponham de tanto apoio financeiro em muitos países, não só aqui no Brasil. Nos Estados Unidos e na Europa também sempre há grandes estruturas por trás. Por que será? Porque esses grupos de extrema direita também são neoliberais, são pessoas que precisamente estão a favor do capital. E por isso, muitos desses grupos veem nisso também uma maneira de ter mais influência, obviamente. E tem relação com as formas de iliberalidade, a favor também do neoliberalismo econômico. Por isso, tantos grupos financeiros de porte apoiam grupos tradicionalmente conservadores e grupos radicalmente conservadores. É uma forma de apoiar um tipo de, entre aspas, *liberdade de imprensa radical*. Há relação entre essas lutas culturais que têm implicações socioeconômicas e isso precisamos analisar. Por exemplo, na luta internacional contra pobreza no mundo. [Thomas] Piketty⁴, filósofo francês, economista, escreve sobre capital e pobreza, é autor ainda de livro sobre a ideologia. Ao ler esse livro, é possível compreender a razão pela qual tantas pessoas de direita estão contra essa forma de pensar criticamente como necessário para eliminar a pobreza no mundo. Porque mais pobreza no mundo é algo mais favorável às grandes companhias e sua liberdade. Então, analisando e lendo Piketty, o indivíduo

⁴ Entre os livros do economista francês Thomas Piketty estão: *O Capital no Século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014; e *Capital et Idéologie*. Paris: Éditions du Seuil. 2019.

compreende o motivo pelo qual esses grupos também são a favor da direita e da extrema direita. Claro que nem sempre! Existem ainda, milionários agora que acham que eles deveriam pagar mais impostos. Sim, mas isso não é dominante. Infelizmente, há muitas companhias em que os diretores são de direita e/ou de extrema direita. São grupos e companhias que têm muito dinheiro para ajudar esses grupos de direita, por isso esse dinheiro sempre circula. Então, tem vários países em que políticos de direita e/ou extrema direita têm esse apoio de muito, muito dinheiro. Eu falei sobre discurso, cognição e sociedade. A parte da sociedade, a qual não estou analisando que é muito importante também é a economia. Claro que tem a ver com pobreza, porque a pobreza de muitas pessoas quer dizer riqueza de outras pessoas. Então, esse aspecto necessita de muita análise. Sendo assim, ler Piketty ajuda a compreender como essa estrutura funciona.

Revista Eco-Pós: Professor, para concluir, o discurso tem se reestruturado de forma preocupante, como o senhor abordou até aqui. Tem sido uma ferramenta de ataque à justiça social. Mas podemos pensar no discurso como uma fonte de esperança? Onde, de fato, é possível encontrar esperança por tempos melhores?

Teun A. van Dijk – A esperança está na luta, na luta sempre! Isso foi na pobreza e na miséria do século 19, com a esperança do movimento socialista, e depois outros também. Na história, quando um grupo tem poder e abusa desse poder, a única maneira é resistir. Então nós, na condição de professores, o que podemos fazer? Educar professores, é essa a minha tarefa: educar doutorandos, que depois serão professores e professoras muito bem informados e críticos. Eles se tornarão professores de escolas e irão formar professores de universidade com conhecimento fundamental sobre relações complexas, como por exemplo, no discurso, cognição e sociedade. Resistência para nós é educar, é fazer pesquisa, o que é fundamental para compreender melhor este tipo de discurso, este abuso de poder através de discursos. E entender a influência desses discursos sobre as pessoas. Por que, como mencionamos, pessoas que deveriam votar em um partido mais a favor dos seus próprios interesses de esquerda, acabam votando na extrema direita que vai atacar seus direitos? Isso é um dilema que deve ser resolvido por meio da educação. Portanto, para nós, sobretudo como professores e investigadores, a resistência passa

por fazer a pesquisa crítica e aplicar isto na formação de professores que vão educar alunas e alunos nas escolas. Além disso, escrever livros didáticos. Nesta minha visita ao Rio de Janeiro, estava analisando um livro didático de história que abordava a abolição da escravatura, fiz um trabalho sobre esse tema no meu livro sobre o discurso antirracista no Brasil⁵. Foi interessante ver que esses livros didáticos atuais têm espaço dedicado à história da África, que discutem a escravidão, a abolição e temas relacionados. Nós precisamos disso. É importante formar os estudantes que no futuro vão escrever livros didáticos e dar aulas sobre esses temas para que tenham uma visão crítica. Isso é algo que podemos fazer. Aqui, por exemplo, na Escola de Comunicação, é fundamental formar jornalistas que são, de verdade, críticas e críticos. Profissionais que constantemente na sua maneira de produzir notícias para a televisão, para os jornais, também para as redes sociais, vão observar a realidade de forma profunda e não de uma maneira só superficial. Jornalistas que analisem criticamente, de verdade, com conhecimento, o que é fundamental. Esse é o nosso trabalho!

Rosângela de Jesus Fernandes – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Doutoranda em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e mestra pela mesma instituição (2019). Graduada em Jornalismo, FACHA. Fundadora e coordenadora da ONG CRIAR Brasil. É integrante do grupo de pesquisa em Políticas e Economia da Informação e da Comunicação (PEIC), da ECO/UFRJ.
E-mail: rofernandes@criarbrasil.org.br

⁵ Discurso antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas. Tradução de Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi. São Paulo: Contexto, 2021.